

**Intermarché**

O Posto de Abastecimento mais perto de si, em Mortágua!  
Aberto 24 horas

PREÇO IVA 20% INCL

# Defesa da Beira

Fundador: J. GOMES D'ALMEIDA  
Director: LUIS FILIPE ALMEIDA SILVA | Sub-Director: MANUEL ANTONIO M. PEREIRA  
TELEFONES: 231 922 657 | Email: defesadabeira@sapo.pt | www.defesadabeira.pt

ANO 81º N.º 3979  
18 de Fevereiro de 2022

## MORTÁGUA

A importância do Rancho Folclórico e Etnográfico "Os Irmânicos" da Marmeleira na preservação e divulgação do património cultural e recreativo com a criação do Núcleo Museológico, um projecto apoiado pela ADICES



Presidente da Câmara Municipal de Mortágua fala sobre o impacto da Adices no território em 31 anos de actividade



## Associação de Caça e Pesca de Mortágua celebrou 35º Aniversário



Associação fez agradecimento às Entidades, Coletividades e Empresas que apolaram na reconstrução do edifício-sede.

## SANTA COMBA DÃO

Uma noite com Mozart - Filarmónica de Santa Comba Dão apresentou Recital de Inverno na igreja da Misericórdia



## CARREGAL DO SAL

Autarcas de Carregal do Sal e Nelas reuniram para solucionar poluição da Ribeira de Beijós



# JOSÉ ANTÓNIO PEREIRA GOMES, LDA.

FUROS DE ÁGUA | LIMPEZA DE FUROS | MONTAGEM DE ELECTROBOMBAS

Estrada da Barrosa, nº 94  
3420-303 TÁBUA

mailjagomes@gmail.com 962 501 072 - 917 267 102

# 31 anos de ADICES...

A 21 de janeiro de 1991, nascia a ADICES, então denominada Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais Económicas e Sociais. Esta Associação de Desenvolvimento Local nasceu representando vontades, promovendo interesses, colmatando necessidades numa lógica colaborativa e participativa visando, sempre, o desenvolvimento dos seus territórios de intervenção. Na génese da sua criação está o desejo de se constituir como instrumento de desenvolvimento local e regional tendo por base a promoção, o apoio, e divulgação de Iniciativas Culturais, Económicas e Sociais.

Sediada no concelho de Santa Comba Dão, desenvolveu, desde o seu início até 2007, atividades nos municípios de Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão e Tondela. Em 2014 a totalidade do concelho de Águeda era incorporada no território de intervenção desta associação e

os seus representantes admitidos nos seus órgãos sociais.

Iniciava-se, então, um novo ciclo na vida desta organização, intervindo em 5 municípios, 48 freguesias e 107.714 habitantes distribuídos por 1.186,54km<sup>2</sup>

Nestes 31 anos a ADICES aprovou e canalizou mais de 23 de milhões de euros de apoios para o seu território de intervenção, com os programas LEADER I, LEADER II, LEADER +, PRODER/PACTO LEADER, AGRIS, POCENTRO, PDR 2020 - Programa Desenvolvimento Rural, SI2E - Sistema de Incentivos ao Empreendedorismo e ao Emprego.

No âmbito da atividade da ADICES e, particularmente, desta marca dos 31 anos de intervenção a trabalhar em prol do desenvolvimento das comunidades que lhe estão afectas, o Jornal Defesa da Beira considerou oportuno fazer algumas entrevistas, nos concelhos que

este Jornal abrange - Mortágua, Carregal do Sal e Santa Comba Dão, que são, também, território de intervenção desta associação.

Em cada um deles fomos ouvir um dos promotores apoiados pela ADICES bem como o respectivo presidente de câmara, no sentido de percebermos, na perspectiva dos mesmos, qual a importância que esta entidade toma quer a nível de empresa/associação apoiada, quer no concelho em que está inserida e particularmente no que se refere ao desenvolvimento das comunidades.

Estas entrevistas irão ser publicadas em próximas edições deste semanário, começando hoje pelo concelho de Mortágua, concelho em que o presidente da Câmara assume também o cargo de presidente da ADICES.

X X X X X X X X X X

## A importância do Rancho Folclórico e Etnográfico "Os Irmânicos" da Marmeleira na preservação e divulgação do património cultural e recreativo com a criação do Núcleo Museológico, um projecto apoiado pela ADICES

No que concerne ao concelho de Mortágua falámos com o rancho Folclórico e Etnográfico "Os Irmânicos" da Marmeleira, na pessoa do Márcio Lopes. Esta associação, com o objectivo de reforçar a preservação e divulgação do património cultural e recreativo Marmeleirado, decidiu fazer um pedido de apoio com uma candidatura à Adices para a criação/implementação de um Núcleo Museológico apelativo, preparado para rentabilizar o espólio existente e a riqueza histórica do concelho e freguesia, através da concretização de uma obra há muito ambicionada. Tratou-se da qualificação e dinamização de mais um equipamento e infraestrutura de animação cultural e recreativa de base local, no território, que permitiria, à coletividade, o desenvolvimento das suas atividades, em melhores condições. O Núcleo está instalado no espaço (recreio) da antiga Escola Primária da Freguesia da Marmeleira. Falamos de um investimento elegível de 225.655,36€, com uma despesa pública no valor de 169.241,52€.

### ENTREVISTA



**Defesa da Beira (DB):** Márcio não se importa de nos falar do Rancho Folclórico e Etnográfico os Irmânicos da Marmeleira que é o promotor desta iniciativa? Da sua história, de como surgiu...

**Márcio Lopes - Representante do Promotor (ML):** Por acaso é interessante por estar a fazer este ano 40 anos. No final do próximo mês vai ter 40 anos de existência e foi fundado principalmente pelo José do Pereira que tem uma das salas aqui em sua homenagem e por várias outras pessoas de aldeia, o Senhor Aquiles, o Senhor Professor Ferreira (o único que ainda está vivo), destes mais relevantes, e surgiu de uma cisão com o Rancho "Os Ribeirinhos" de Caparrosinha. Na altura, como aqui era a sede de freguesia, era onde havia mais pessoas, fundou-se o grupo. Nessa altura houve um trabalho de recolha. O grupo era um grupo etnográfico, e, portanto, já tinha alguma preocupação em recriar e ser o mais rigoroso possível nessas recriações. O Rancho viveu durante muitos anos, ainda que com algumas intermitências, até há sensivelmente dez anos atrás, altura em que tínhamos o grupo ainda completo e fazíamos acções. Em determinado momento tornou-se mais difícil arranjar pessoas suficientes e decidimos enveredar por uma coisa que já tínhamos feito numa das salas do Centro Cultural da Marmeleira. Aí já tínhamos um espaço que foi criado também num outro projecto apoiado pela ADICES, projecto esse em que foi feita, também, a restauração do moinho da Senhora da Ribeira. Esse espaço no Centro Cultural da Marmeleira, era só uma sala, mas fez crescer este bichinho, o que, a par de todo o muito material recolhido que tínhamos, foi o princípio. E depois disso deu azo a que, quando o espaço da escola primária deixou de ser usado para esse fim, fizéssemos um protocolo com a Câmara Municipal, que nessa altura procurava dinamizar os espaços das escolas que deixaram de funcionar enquanto tal, e ficássemos com este espaço, fizemos a candidatura e a partir daí é esta a nossa principal actividade, a parte museológica.

**DB:** Então neste momento o núcleo museológico é a actividade principal da associação?

**ML:** É não só, porque temos a Escola de Música desde essa altura, que mantemos. É verdade que, neste momento e nestes dois últimos anos lectivos, não existiu actividade devido à pandemia, mas pretendemos reiniciar e fazemos, também, algumas actividades de recriações históricas, como já fazíamos antes. Fazemo-lo neste espaço, onde faz todo o

sentido, aqui é o local indicado porque permite recriar alguns espaços rurais à época.

**DB:** Podemos concluir que no fundo o início deste núcleo museológico fez-se em paralelo com o desenvolvimento das actividades do rancho?

**ML:** Sim, foi o que aconteceu sempre porque nós íamos recolhendo muitas peças e a certa altura, tínhamos tudo em armazém, e esta é uma forma de expormos o que já tínhamos. Lá em cima, no Centro Cultural, já tinha havido essa oportunidade e já tínhamos muita coisa. Tínhamos, por exemplo, esta casa que estava construída ligeiramente mais pequena, numa sala interior grande, mas em madeira, não era com a alfaiataria e com a loja, como temos hoje aqui, era uma casa pequena com quarto, sala e cozinha. Já tínhamos isso, e sempre tivemos mais esta vertente porque é aquela que se consegue fazer com mais qualidade com menos pessoas, com menos recursos.

**DB:** Em 2014 iniciou esta actividade...

**ML:** Sim, mas neste espaço, porque nós, na verdade, como referi, já tínhamos um núcleo museológico, tínhamos um espaço que tinha outro nome, depois é que o batizamos como Raízes e Memórias, provavelmente desde 2008, sensivelmente. Tínhamos esse espaço e já tínhamos feito duas exposições etnográficas na Marmeleira, uma nos anos 90, em que a lida foi uma das principais dinamizadoras e fizemos uma outra, no ano em que fizemos 25 anos de existência, portanto já foi há 15 anos, numa casa histórica, que já não existe, junto à igreja e fizemos uma exposição, também nessa época, com as peças que tínhamos, que recolhemos na aldeia e que nos emprestaram especificamente para aquela actividade e esteve patente ao público cerca de dois meses. Já fazíamos isso só não tínhamos era um espaço fixo para ter a exposição.

**DB:** Este apoio da Adices foi, também, uma oportunidade que vocês não perderam...

**ML:** Sim foi, sem dúvida. Sem o apoio da ADICES, sem o apoio deste programa comunitário que era administrado pela ADICES e também da Câmara Municipal, era impossível termos este espaço, claramente.

**DB:** Como é que recolheram todo este material, todas estas peças que estão aqui?

**ML:** Bom foi durante 40 anos, e se pensarmos bem, não é assim tão difícil... elas vão aparecendo

(risos)

**DB:** E são só trazidas/recolhidas pelos elementos que pertencem ao rancho?

**ML:** A maioria sim, mas depois há pessoas que vêm cá e, numa próxima actividade, se for preciso, trazem uma peça ou outra. Mas a maioria das vezes somos nós que procuramos, ultimamente o que fazemos é, quando temos conhecimento que existem casas a ser demolidas, tentar, antes da demolição e deitarem tudo para o lixo, ir lá ver e trazer mais uma coisinha ou outra, aliás a pedra para fazer esta casa, não na totalidade que não deu, foi de uma demolição de uma outra casa.

**DB:** Durante todo este período em que vocês estão a desenvolver esta ideia e a colocá-la em prática, quais foram as principais dificuldades que tiveram e se as tiveram?

**ML:** Há muitas, a principal dificuldade já é de há muito tempo. Nós somos uma estrutura completamente voluntária, as pessoas não são assim tantas e é necessário ter tempo para nos dedicarmos a esta actividade. Isto é um hobby para toda a gente, mas tem que ser um hobby organizado se não, não conseguimos ter o espaço como está. E sendo um hobby organizado acaba por, muitas vezes, já não ser hobby, ser uma obrigação, portanto, a nossa principal dificuldade, é dedicação e termos pessoas, porque o que vai acontecer é que há cada vez menos pessoas, isso é um facto, nem sempre se consegue atrair as faixas etárias mais novas para este tipo de actividades... é normal, há outro tipo de coisas para miúdos mais apelativas, pelo menos no imediato, esta actividade demora mais tempo a se gostar. Isto não é exclusivo desta associação se for perguntar a outras instituições culturais do concelho isto obviamente que é transversal, e já é de há 20 anos, não é de agora, mas vai-se degradando e não há forma de reverter. Essa é a principal dificuldade, depois o resto vai-se resolvendo. Claro que o aspecto financeiro conta sempre, mas o dinheiro acabamos por arranjar.

**DB:** Vocês têm muitos apoios financeiros ou melhor, têm os apoios financeiros necessários?

**ML:** Vamos tendo, a maioria públicos. As nossas actividades por muito bem conseguidas que sejam, aliás qualquer actividade feita neste meio, tendo em conta a quantidade de pessoas que consegue atrair, nunca permite obter uma facturação ou uma receita suficiente para manter uma associação, um espaço destes sempre todo bem. Portanto as receitas das

actividades acabam por ser complementares e permitem fazer algum investimento. Para os custos fixos, temos que ter alguns apoios públicos, não há grande volta a dar, porque estamos inseridos num meio em que qualquer actividade que se faça se aparecerem cem pessoas para nós já é espectacular, não estamos num meio urbano e isso também, lá está, é válido para qualquer associação cultural deste concelho ou de qualquer sítio do interior.

Mas conseguimos ter apoio público com alguma regularidade, quando não se consegue não se faz e vamos andando. Mas eu diria que esse sim, pode ser um entrave, por exemplo pode ser um entrave para que tenhamos este espaço aberto, porque essa era a nossa ambição, era ter este espaço aberto mais tempo, mas teríamos que ter mais pessoas aqui a trabalhar para que fosse possível, se conseguíssemos isso e mais algum dinheiro para a manutenção contínua de todo o espaço, temos concretizadas as nossas ambições para já.

**DB:** Em termos de comunicação e de atracção de pessoas aqui ao vosso espaço, como é que têm feito?

**ML:** Ultimamente têm sido mais os projectos sociais. Com este interregno da pandemia não se fez praticamente nada. Tivemos o espaço encerrado nos últimos tempos, reabriu, mas entretanto como temos sempre dois meses no inverno em que fechamos porque não há visitas, em Dezembro e Janeiro continuámos fechados. Agora temos outdoors colocados, até já devem ter passado por um ou dois se vieram de Mortágua, e vamos tentar colocar mais alguma informação no centro da vila para as pessoas que vêm na rota da Nacional2. Estamos a lançar agora um flyer (já está feito) para colocar nos alojamentos que existem no concelho e na restauração. Só que temos um problema, só abrimos ao domingo. Portanto também é um bocadinho... fazer muita publicidade e depois as pessoas chegarem aqui e "balem com a cara na porta", não faz muito sentido, portanto tem que ser uma acção concertada entre dinamizarmos a publicitação do espaço e termos pessoas para receber os visitantes.

**DB:** Portanto neste momento só estão abertos ao público ao domingo, durante o dia todo?

**ML:** Domingos à tarde. Isto sem marcação, se as pessoas quiserem visitar, fazer outro tipo de eventos, por exemplo fazemos muito eventos sob marcação, pode ser quase a qualquer altura, desde que

# 31 anos de ADICES...



Cont. da Pág. 5

## A importância do Rancho Folclórico e Etnográfico "Os Irmânicos" da Marmeleira na preservação e divulgação do património cultural e recreativo com a criação do Núcleo Museológico, um projecto apoiado pela ADICES

devidamente combinado.

**DB:** O número de visitantes tem correspondido às vossas expectativas?

**ML:** Depende dos anos, estamos numa altura mais complicada, os últimos dois anos obviamente que não podem contar. Antes, antes sim. Considerando o período de tempo em que o espaço está aberto, uma tarde por semana, linhamos até bastantes visitantes sobretudo nos dias em que está melhor tempo, se estiver a chover, aparece pouca gente. As actividades pontuais que fazíamos atraíam muita gente. Com a pandemia temos poucos visitantes, agora temos que publicar o Núcleo, mas sempre concertado com o seu horário mais alargado, porque fazer publicidade e depois estar fechado, também não faz assim muito sentido.

**DB:** Tem-nos falado dos vários eventos que realizam, seria possível dar-nos dois ou três exemplos daqueles que são os mais emblemáticos do vosso trabalho.

**ML:** Tentamos fazer todas as actividades tendo sempre uma parte lúdica, ligada à preservação do património, ultimamente temos feito uma actividade que já tem alguns anos e que é uma observação de aves. Vêm pessoas especialistas em aves, de uma associação que colabora connosco que faz também a sua recuperação. Fazemos um pequeno passeio, quase diário que pelo circuito turístico da aldeia, que é um circuito que está mais ou menos dinamizado agora, as pessoas observam as aves, recebem explicações e libertamos algumas aves que foram recuperadas. Depois há um almoço convívio que é feito aqui neste espaço e são feitas mais algumas pequenas explicações sobre o tema. Esta é uma das actividades. Costumamos, também, fazer alguns eventos musicais sobretudo da música tradicional. Conseguimos trazer alguns grupos, fazemos algumas recriações históricas como descantadas.

Ainda não temos a certeza, por causa da pandemia e este mês ainda está crítico, mas temos planeado fazer uma matança do porco, sem matar aqui o porco, só a parte de estar, limpar e depois fazer a carne do alguidar. E este ano temos, também, algumas outras actividades planeadas. Este fim-de-semana iremos fechar o plano de actividades e só depois de fechar é que o divulgaremos. E temos, ainda, a actividade normal, mantermos este espaço aberto e minimamente organizado ocupa-nos muito tempo. E ainda temos o nosso burro, que é o Golias, um burro mirandês que deve estar quase há dez anos connosco e está ali à entrada da aldeia.

**DB:** Se não se importa voltamos ao papel da ADICES em todo o vosso trabalho. A ADICES aprovou-vos um projecto, aliás até vos aprovou dois, certo?

**ML:** Sim, um mais inicial que foi feito em conjunto com a Junta de Freguesia porque uma das condições dessa candidatura era ser promovida por uma associação e um organismo público em conjunto. O que se fez nesse projecto foi restaurar o Mojinho da Senhora da Ribeira e fizemos a exposição fixa no salão inferior do Centro Cultural da Marmeleira e que esteve lá alguns anos. Só saiu quando viemos para aqui, altura em que fizemos a segunda candidatura, neste caso ao PRODER, e foi a partir daí, na altura com o apoio da Câmara Municipal. Foi o Dr. Afonso que fez os contactos iniciais com a ADICES, que nos indicou e nos explicou como deveríamos fazer. Fizemos o projecto com o apoio, não sei se ele se lembra, do Ricardo (referindo-se ao actual presidente da câmara) que fez a parte financeira, há muitos anos. Fizemos a candidatura, a ADICES aprovou-a, acompanhou-a e foi-nos apoiando em todo o processo burocrático, todo o trabalho feito com rigor. Era um projecto que implicava uma quantia significativa de dinheiro e não é muito fácil gerir esses projectos.

**DB:** Todo este trabalho que fizeram junto da ADICES e com a ADICES, qual o impacto que teve na dinamização da vossa associação?

**ML:** Foi relevante, porque foi um salto quantitativo enorme. Nós tínhamos uma exposição lá em cima num

pavilhão, nessa altura o pavilhão não estava arranjado como está hoje, portanto aquilo era um pavilhão tipo ringue de futebol, tinha um salão inferior quase que umas calacumbas onde linhamos uma sala. Nessa altura tínhamos já visitas, por exemplo dos programas do INATEL, do turismo sénior e o espaço não tinha grandes condições, era um sítio feio, por dentro até era bonito, uma vez que a exposição estava bem montada, mas as pessoas entravam numa escadaria húmida, não se pode dizer que tivéssemos ali um ponto turístico especialmente atractivo e era insuficiente para um grupo, mas era o que linhamos na época. Também fazíamos outras actividades, mas nunca como fazemos hoje. Portanto é um salto qualitativo enorme. Basta estar aqui para ver que passámos a ter um espaço digno para mostrar.

**DB:** Podemos, então, dizer que sem o apoio da ADICES vocês não estariam aqui neste ponto, com este desenvolvimento e dinâmica?

**ML:** Neste espaço não! Já havia sido pensado aliás, como lhe disse anteriormente, nós já tivéssemos aquela exposição numa casa da aldeia, essa casa estava devoluta e pensou-se em adquiri-la. Eu lembro-me que quando abordámos o Dr. Afonso e ele veio cá, disse-me: "já viste se nós comprávamos a casa, onde nos tínhamos metido", e eu tenho de lhe dar razão! Porque era um espaço que não tinha hipótese de concorrer com este, apesar de ser uma casa com muita história, muito bonita, este espaço é muito mais amplo.

**DB:** Há pouco falou-nos também de que tinham, anteriormente, visitas do Turismo Sénior, do INATEL... A vossa associação tem parcerias e protocolos estabelecidos com diferentes entidades?

**ML:** Sim, quando fizemos, aliás essa era uma das condições para podermos fazer a candidatura, ter protocolos com algumas instituições. Na altura fez-se, mas, lá está, tudo isto se quebrou nestes dois últimos anos... foi tudo interrompido... Mas fizemos protocolos quer com as escolas, com instituições de solidariedade social, lares, quer com o Inatel, e mesmo com o Resor. No fundo tem que haver uma colaboração dessas instituições para que nos possam encaminhar visitantes, era esse o principal objectivo. Fizemos protocolos e pretendemos agora, assim que reabrimos em força, esperamos nós ainda este ano, que com uma boa comunicação atrajamos mais pessoas, e voltemos ao contacto com uma série de instituições para isso mesmo, ter mais visitantes.

**DB:** Qual acha que é o impacto na vossa comunidade, na vossa aldeia, na vossa freguesia de terem este núcleo museológico?

**ML:** A verdade é que os benefícios são poucos. O impacto económico era importante que tivesse acontecido, se tivéssemos mais visitantes, as pessoas podiam consumir, mas a verdade é que também não existem assim tantos comércio na aldeia que pudessem usufruir do benefício de termos mais visitantes portanto acaba por ser marginal, pode acontecer, mas é marginal. Já

exilaram casas de turismo rural, neste momento não sei se existe ainda alguma, que também poderiam beneficiar porque isto é tudo um conjunto, não é? Ninguém vem para a aldeia especificamente para ver o Núcleo Museológico, mas em caso de "empate" pode ser factor decisivo. Isto é, as pessoas estarem indecisas entre vir para aqui ou ir para outro local, vão pensar na diferenciação que existe... sei lá, ali tenho um rio, tenho um sítio para beber... Obviamente ninguém vem propositadamente, ninguém ou muito pouca gente virá só para isto, mas se houver um conjunto de espaços bem cuidados, são um cartão-de-visita para a aldeia, mas nada é um factor decisivo, tem ser tudo a somar, tudo muito bem articulado. E, espero eu, que o programa Aldeias de Portugal nos permita ajudar a articular todas estas peças.

**DB:** Voltou-nos no projecto das Aldeias de Portugal. Também é um projecto que está a ser liderado pela Adices?

**ML:** É um projecto liderado pela Adices, mas eu não consigo falar muito sobre ele porque não estive na sua origem, sei que existe, mas ainda não sei bem quais são os objectivos, espero que sirva para otimizar as potencialidades que a aldeia tem, para termos um produto turístico mais sólido.

**DB:** Voltando à Adices. Tem noção de qual é o impacto do trabalho da Adices nos concelhos onde intervém e no concelho de Mortágua em particular?

**ML:** Sim nós sabemos que quase todos os programas de apoios comunitários no âmbito do PRODER, que é um programa relativamente conhecido, pelo menos já ouviram falar no nome, são articulados pela ADICES. Que eu saiba não há nada que não seja, se são da zona de intervenção da ADICES tem que passar pela associação e Mortágua é um dos concelhos do seu âmbito de actuação. É importante haver um organismo que explique às pessoas quais são os programas de apoio que estão em curso e que faça um trabalho de campo mais próximo, não digo tanto nos aspectos culturais mas numa parte mais económica. Tentar chegar aos agentes económicos e tentar dinamizar mais algumas coisas, é esse o trabalho da ADICES e além de tudo coordenar estes apoios, ajudam as instituições e/ou as empresas num trabalho que originalmente essas instituições não teriam capacidade para o fazer porque, ou não têm pessoas a tempo inteiro ou não têm os conhecimentos necessários, e estas candidaturas têm alguma complexidade, é preciso algum treino, eu ainda há pouco estava a dizer que quando se acaba o projecto, é quando temos algum conhecimento para o começar.

**DB:** Acha que se não houvesse esta proximidade da Adices com o território, com as associações, com as empresas, a maioria teria oportunidade de obter outros financiamentos ou outros apoios que existem?

**ML:** Não lhe sei responder muito bem. Eu acho que se a Adices não existisse talvez essas funções fossem absorvidas ou pelas autarquias ou, aqui no

caso do PRODER, talvez pelo IFAP, mas obviamente que a proximidade ajuda sempre, portanto eu acho que é importante, que faz todo o sentido a sua existência.

A sua existência faz a diferença. As funções que assegura fazem a diferença, para mim é o suficiente, se depois podia ser assumido por outra entidade ou não, isso não é relevante.

**DB:** Já conhecemos um bocadinho melhor, quer o Rancho e a sua actividade actual, quer o Núcleo Museológico da Irmânia, gostaríamos, agora, de conhecer os vossos projectos para o futuro. Quais são?

**ML:** O grande projecto é a dinamização do Núcleo e ter e atrair mais visitantes. O espaço está criado. Pode não estar com uma qualidade profissional, sabemos que temos muito para melhorar, ainda, sobretudo na parte informacional. Queremos colocar aqui três ou quatro circuitos, por exemplo o ciclo do vinho, o ciclo da água, ou do azeite e do linho. Já temos o circuito dos jogos tradicionais para as crianças, queremos tentar esquemizar melhor visitas dedicadas, especificamente, a determinados grupos ou públicos-alvo. É isso que queremos fazer, nós temos salas preparadas para audioguia... sei lá... qualquer coisa para tentar melhorar a visita do ponto de vista pedagógico e formativo, é isso que queremos. Não conseguimos no imediato, tudo isso demora, dá muito trabalho e não conseguimos ainda. Temos vindo a fazer devagarinho, mas ainda não se nota. Depois é a publicidade e a promoção do espaço, protocolos com entidades e ter capacidade de ter o espaço aberto para receber, esses são os objectivos e se o conseguirmos fazer vai ser importante para a Associação e, sobretudo, para a região. Aqui não se trabalha para ninguém, é para a aldeia, para a freguesia, para o concelho. É ter este espaço aberto e as pessoas gostarem de aqui vir.

Há pouco falámos das nossas actividades e esqueci-me de referir os jantares temáticos que fazemos muito e tem sido agradável, as pessoas fazem as visitas e almoçam comida tradicional da região.

**DB:** O Márcio quer acrescentar alguma coisa, algum aspecto que eventualmente não tenhamos questionado, alguma coisa que queira destacar e que seja relevante para vós.

**ML:** Penso que não. Eventualmente acho que é importante, e como se falou há pouco do papel da Adices, destacar o papel do apoio que foi dado a este projecto em concreto. Este projecto tem a virtude de, na nossa opinião, ser um espaço aberto para a comunidade e vai estar aqui sempre para isso, não sabemos se daqui a 20 anos a Associação continuará, mas este espaço sim e estará aberto ao público e queremos que seja assim. Isto é um espaço da aldeia, da freguesia e concelho, não é nossa pertença, neste momento estamos, temporariamente, a administrá-lo, obviamente e provavelmente vamos fazê-lo bastante mais tempo, mas isto é um espaço e um património da comunidade e o facto de a Adices ter apoiado este tipo de actividade tem essa virtude, apoiar um espaço que é administrado temporariamente por esta associação, mas que é da comunidade e se-lo-á sempre.



# 31 anos de ADICES...

## Presidente da Câmara Municipal de Mortágua fala sobre o impacto da Adices no território em 31 anos de actividade

Defesa da Beira (DB): Qual considera ser o papel da ADICES no desenvolvimento e na dinâmica dos territórios que abrange e particularmente na dinâmica do concelho de Mortágua e para o concelho de Mortágua?

Dr. Ricardo Pardal (RP): A ADICES, como todas as associações de desenvolvimento, tem um papel preponderante no desenvolvimento dos territórios e especificamente nos concelhos de Mortágua, Tondela, Águeda, Santo Comba Dão e Carregal do Sal. A ADICES representa um instrumento que estes cinco municípios têm disponível para uma gestão participada, para bem desenvolver o território, apoiar a iniciativa privada nos diferentes setores de atividade (micro, pequenas e médias empresas). Tem sido, efetivamente, a alavanca financeira e o apoio técnico que tem permitido desenvolver um sem número de iniciativas privadas e tem também um papel importantíssimo nos setores do associativismo. Aliás estamos hoje aqui no espaço museológico da Marmeleira que é um dos exemplos de apoio através dos programas desenvolvidos no âmbito do GAL (Grupo de Ação Local) ADICES e que são importantíssimos para a comunidade, para a partilha de conhecimento e, acima de tudo, para o convívio social e a partilha. Mais uma vez falo aqui da Marmeleira que com este projeto promove a partilha de conhecimentos sobre as tradições, a história do nosso concelho, tendo, também, um olhar e projeção para o futuro, para as gerações vindouras, partilhando esse conhecimento com elas e perpetuando a memória.

DB: Destaca alguma dimensão em particular em termos do impacto de trabalho da ADICES no concelho de Mortágua?

RP: Na área social, A ADICES tem tido também um papel importantíssimo no apoio às IPSS's e agora, atualmente, na dinamização dos contratos locais desenvolvimento social de quarta geração e que é uma realidade transversal aos nossos cinco concelhos no envelhecimento da população, a necessidade de cada vez mais termos a preocupação em resolver os problemas do isolamento, das carências e também a ADICES tido um papel importante de apoio e dinamização e criando o financiamento e respostas para essas questões sociais.

DB: Considera que não existindo todo o trabalho que a ADICES desenvolve na comunidade, particularmente de Mortágua, os projetos, as associações, as empresas estariam no ponto que estão hoje?

RP: Sem dúvida que sem a ADICES e sem esta alavanca e esta dinamização seria impossível ter dado as respostas que foram dadas. A génese da ADICES foi efetivamente a constatação dessas necessidades e de criar uma resposta conjunta com a escala dos cinco municípios para os problemas existentes nos diferentes territórios. Sem ela poderia ter havido algum tipo de resposta mas uma resposta individualizada nunca tem o poder e a capacidade de resolução que tem a junção dos cinco municípios e ser dada uma resposta transversal a esses cinco municípios, como é óbvio.

DB: Quais são as mais-valias que destaca neste trabalho de proximidade e conhecimento do território para o concelho de Mortágua e para as suas gentes?

RP: Quem está perto gere sempre melhor do que quem está longe. Ou seja, tem o conhecimento próximo, percebe os problemas e, muitas vezes, vive os problemas e isso é um elemento facilitador do desenho da resposta e da sua adequação aos problemas reais. Quanto mais distante estamos dos problemas mais difícil é gerar uma resposta que os resolve. É sempre essa a grande mais-valia. Os programas disponibilizados pela ADICES são efetivamente instrumentos de financiamento, de apoio, de dinamização dos territórios cujo controlo e o processo de decisão está nos municípios e não está a um nível superior. Como tal, é também uma resposta mais próxima, muito mais rápida e muito mais eficiente.

DB: Considera, então, que muitas destas instituições privadas não estariam no ponto em que estão hoje se não fosse esse apoio?

RP: Muito emprego do que foi criado em micro empresas se não tivessem sido os programas de

financiamento desenvolvidos no âmbito dos vários quadros comunitários não teria sido possível. O auto-emprego (criação do próprio emprego) e microempresas cresceram e transformaram-se em pequenas e médias empresas e geraram emprego, geraram riqueza para o território, isto mais numa vertente económica mas, do ponto de vista da coesão territorial, dos equilíbrios, das equidades, a ADICES e os seus programas de financiamento que foram sendo criados ao longo destes anos, foram geradores desse equilíbrio. Foram importantes para atenuar as assimetrias que existiam nos diferentes territórios com ritmos de crescimento diferentes, com realidades sociais e económicas diferentes. A ADICES foi conseguindo desenhar e desenvolver programas de financiamento e apoio e dinâmicas de desenvolvimento que foram esbatendo essas assimetrias.

DB - Estamos aqui no Núcleo Museológico da Irmânia, teve o apoio da Adices. Acha que esse apoio foi fundamental? Que impacto teve quer na associação que gere, quer na comunidade?

RP - Sem dúvida. Sem as candidaturas e o apoio financeiro da ADICES e a mais-valia de, associado a esse apoio financeiro, existir, também, o apoio financeiro de cada um dos municípios em complemento a esse financiamento, foram extremamente importantes para se conseguir criar este acervo e para se conseguir conservar esta memória coletiva e, acima de tudo, promover esta agregação social e esta vivência comum, sendo, também, um pólo da convivência social que é extremamente importante em concelhos com o envelhecimento populacional, com o êxodo dos nossos jovens. Estas iniciativas ligam estes jovens à terra, às suas raízes, são fios que os ligam à terra, que fazem com que, mesmo não estando cá, voltem cá e que vivam contribuam para a dinâmica e desenvolvimento da sua terra natal.

DB - Portanto é também uma forma de voltar à comunidade voltar às raízes?

RP - Sem dúvida.

DB - Considera que o projecto que foi aqui apoiado é um ponto de atracção turística para trazer mais pessoas ao concelho, mais pessoas, à freguesia da Marmeleira?

RP - Ora bem, "grão a grão enche a galinha o papo", quer isto dizer que projectos desgarrados não contribuem para o desenvolvimento e para o crescimento do turismo em nenhum concelho. De projecto em projecto e da sua aglutinação e articulação nasce uma resposta à procura turística que tem que ser devidamente divulgada, devidamente harmonizada e tudo isto assenta nas questões do marketing territorial e da necessidade de, quando falamos em turismo, temos que falar num plano de marketing turístico territorial ou seja, de criar uma resposta apelativa com diferentes vertentes seja na vertente da cultura, da história, do desporto, da natureza, da gastronomia, dos vinhos. Tudo isto tem que ser harmonizado e integrado e distribuído, digamos assim, de uma forma homogênea para haver continuidade nestes processos e para, no fundo, convergir para uma coisa que é baseada neste pensamento "venha cá que nós estamos cá e temos isto para vos oferecer e gostamos de vos receber". Isto tudo se resume a isto....

O conjunto de mecanismos de financiamento para promoção do desenvolvimento que existem, tanto ao nível das GAL, como os apoios dos próprios municípios e as decisões que estão a ser tomadas nesses municípios ancoradas, depois, em financiamentos a nível regional e a nível nacional, têm forçosamente que convergir para uma resposta coerente apelativa que fraga gente, neste caso a Mortágua, mas que também faça os de Mortágua voltarem para cá viver.

DB: De certo que o núcleo museológico terá um papel relevante nessa parceria e nesse trabalho.

RP: Não tenhamos dúvidas. O núcleo museológico da Irmânia, aqui na Marmeleira, o lugar de varas, em Vale de Mouro, os percursos pedestres, os percursos cicláveis, a nossa Barragem da Aguireira, a nossa gastronomia, a nossa Lampantana, os nossos vizinhos. Tudo isto

converge para a resposta turística que é necessária e são efetivamente fatores de fixação e desenvolvimento.

DB: Em relação à ADICES, o que é que o município, e o Sr. Presidente em concreto, espera da continuidade da parceria e do trabalho conjunto em prol do território, para o concelho de Mortágua...Quais são as expectativas para o futuro, agora que se irá entrar num novo ciclo de trabalho?

RP: Acima de tudo trabalho, cooperação,

solidariedade entre os cinco municípios e a capacidade técnica e política para conseguirmos desenhar respostas para os problemas dos territórios. No fundo seguir a senda do que foi feito ao longo destes anos para o desenvolvimento de cada um dos concelhos e da região como um conjunto. É isso que esperamos e é esse o espírito dos cinco presidentes de câmara representados nos órgãos sociais da Adices e é esse o designio de todos nós: trabalhar em prol de uma melhor qualidade de vida e de melhores respostas no território.



CÂMARA MUNICIPAL DE MORTÁGUA

**EDITAL**

N.º 2/2022

### ALIENAÇÃO EM HASTA PÚBLICA DE LOTES DO LOTEAMENTO MUNICIPAL DENOMINADO BAIRRO DOS RETORNADOS DA GÂNDARA

RICARDO SÉRGIO PARDAL MARQUES, Presidente da Câmara Municipal de Mortágua, TORNA PÚBLICO que, de harmonia com a deliberação tomada na reunião desta Câmara Municipal, realizada em 19/01/2022, no uso da competência prevista na alínea g) do n.º 1 do artigo 33.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, se procederá no próximo dia 4 de março, pelas 10,00 horas, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Município, à arrematação em hasta pública para alienação de lotes do Loteamento Urbano Municipal denominado de Bairro dos Retornados, sítios na Gândara, União de Freguesias de Mortágua, Vale Remígio, Cortegaça e Almaça, pertencentes ao património privado do Município e cujas áreas, e respetivos preços base da venda a seguir se discriminam:

**LOTE 2** - Com a área de 402,00 de m<sup>2</sup>, destinado a habitação unifamiliar e anexo, com a área de implantação de 160,00 m<sup>2</sup>, área de construção de 280,00 m<sup>2</sup>, com 2 pisos e 1 fogo. PREÇO BASE DE VENDA: 8.181,00 €

**LOTE 3** - Com a área de 402,00 m<sup>2</sup>, destinado a habitação unifamiliar e anexo, com a área de implantação de 160,00 m<sup>2</sup>, área de construção de 280,00 m<sup>2</sup>, com 2 pisos e 1 fogo. PREÇO BASE DE VENDA: 8.181,00 €

As propostas em carta fechada deverão dar entrada, nos termos do respectivo Regulamento da Hasta Pública, nos Serviços Administrativos da Câmara Municipal de Mortágua até 16,30 horas, do dia 2 de março próximo.

O processo e respectivas condições de venda, designadamente, a planta síntese do loteamento e Regulamento da Hasta Pública, estão patentes para consulta dos interessados nos Serviços Administrativos da Câmara Municipal de Mortágua todos os dias úteis durante as horas normais de expediente (9,00 horas - 12,30 horas e 14,00 horas - 16,30 horas) e no sítio da Câmara Municipal [www.cm-mortagua.pt](http://www.cm-mortagua.pt).

Para conhecimento geral se publica o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município de Mortágua, 8 de fevereiro de 2022

O PRESIDENTE DA CÂMARA  
Ricardo Sérgio Pardal Marques